



Altar da Igreja Prelática de Santa Maria da Paz, com a urna que encerra o sagrado corpo do Beato Josemaría Escrivá de Balaguer.



Beato JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

Fundador do Opus Dei

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI EM PORTUGAL, Campo Grande , 193. 1700 LISBOA

Este **BOLETIM INFORMATIVO** publica-se com aprovação eclesiástica da Congregação para as Causas dos Santos.



UMA FESTA PARA TODA A IGREJA

No dia 17 de Maio, perante cerca de 300 000 peregrinos – os romanos não recordavam uma multidão semelhante na Praça de São Pedro – o Santo Padre presidiu à solene Missa de Beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer, Fundador do Opus Dei, e de Josefina Bakhita, uma religiosa canossiana.

Uma Beatificação é um acto que manifesta com uma luz nova o mistério da Igreja: mistério de santidade, de comunhão do homem – de cada homem e de toda a humanidade – com Deus. Os cristãos são assim conduzidos a confiar, com uma consciência sempre mais profunda, na eficácia da graça divina. E a sua esperança abarca mais amplos horizontes, ao considerar que, na sua infinita misericórdia, o Senhor eleva o homem até alcançar eternamente a dignidade a que o chamou: a participar, em Cristo, da vida divina. A realidade do mal que opera no mundo – a experiência das nossas fraquezas e limitações, o pecado, a dor – não nos pode levar a renunciar à meta que nos espera. O exemplo do que Deus operou nos Bem-aventurados e a confiança na intercessão destes, anima-nos a reavivar a nossa fé e a tornar mais decidida, mais operativa, mais perseverante, a nossa resposta à vocação cristã.

Por isso uma Beatificação é um verdadeiro acontecimento eclesial. E essa realidade tornou-se particularmente tangível no dia 17 de Maio último. O Papa João Paulo II afirmava-o, no dia seguinte, na audiência concedida aos peregrinos vindos a Roma para a elevação aos altares do Fundador do Opus Dei: «Vós estais cheios de alegria pela Beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer, porque confiais em que a sua elevação aos altares, como acaba de dizer o Prelado do Opus Dei, significará um grande bem para a Igreja. *Também eu partilho desta confiança.* Estou na verdade convencido, como escrevi na Exortação Apostólica *Christifideles laici*, de que "a totalidade do povo de Deus e os fiéis leigos em particular, podem encontrar agora novos modelos de santidade e novos testemunhos de virtudes heróicas vividas nas condições comuns e ordinárias da existência humana" (n.17). Como não ver no exemplo, nos ensinamentos e nas obras do Beato Josemaría Escrivá um eminente testemunho do heroísmo cristão no exercício das comuns actividades humanas?»

Contam-se por milhões, em todo o mundo, as pessoas que, graças à figura e à mensagem do Beato Josemaría, chegaram ao doce encontro com Cristo, que transformou as suas vidas. Agora, com o coração cheio de agradecimento a Deus, todos sentimos o dever de ser, em cada dia, mais fiéis ao seu exemplo e aos seus ensinamentos. A Igreja pede isso. É o que se depreende das palavras do Papa, e também do que afirmaram todos os Cardeais e Bispos que presidiram a numerosas Missas de acção de graças, concelebradas em diversas basílicas romanas nos dias imediatamente seguintes à Beatificação.

Quando a Igreja beatifica um dos seus membros, reafirma que a santidade não é uma quimera, um ideal maravilhoso e inalcançável, mas uma meta acessível a todos. O Senhor escolheu e abençoou com incontáveis dons o Beato Josemaría Escrivá precisamente para que proclamasse esta verdade no mundo contemporâneo. A sua



Vista panorâmica da Praça de São Pedro durante a Beatificação, onde se reuniram cerca de trezentos mil peregrinos.

beatificação constitui, portanto, um novo marco na missão eclesial a que o Senhor o chamou, confiando-lhe a fundação do Opus Dei. Na Missa do dia 17 de Maio, João Paulo II afirmou: «Com sobrenatural intuição, o Beato Josemaría pregou incansavelmente o chamamento universal à santidade e ao apostolado. Cristo convoca todos a santificar-se na realidade da vida quotidiana; por isso *o trabalho é também meio de santificação pessoal e de apostolado* quando se vive em união com Jesus Cristo (...). A actualidade e a transcendência desta mensagem espiritual, profundamente enraizada no Evangelho, são evidentes como o revela também a fecundidade com que Deus abençoou a vida e a Obra de Josemaría Escrivá».

Poucos dias depois, em 21 de Maio, o Prelado do Opus Dei sublinhou estas palavras do Papa: «A elevação aos altares do Bem-aventurado Josemaría representa como que o início de uma nova expansão da missão eclesial para a qual ele foi escolhido pelo Senhor. A universalidade da tarefa a que Deus o chamou – anunciar que todas as realidades terrenas são caminho de santidade – foi sublinhada de um modo solene e tangível. A sua beatificação é *uma nova chamada à santidade* para todos os cristãos, um novo motivo de esperança, um exemplo de fidelidade e de docilidade a Deus na realização do trabalho quotidiano». E acrescentou: «Não há dúvida: a Beatificação do nosso Fundador assinala também o início de uma nova etapa na vida do Opus Dei e deve assinalá-la na vida de cada um dos seus membros. Uma etapa de um amor mais profundo para com Deus, de um mais constante empenho apostólico, de um serviço mais generoso à Igreja e a toda a humanidade. Uma nova etapa, em suma, de fidelidade mais completa ao espírito de santificação no meio do mundo que o nosso Fundador nos deixou em herança».

Esta é a mensagem que palpita nestas páginas, onde se oferece um quadro, necessariamente sintético, desses dias inesquecíveis: o dia 17 de Maio, com a homilia e a saudação do Santo Padre no decorrer do «Regina Caeli» aos fiéis presentes na Missa de Beatificação; o dia 18 de Maio, com a Santa Missa do Prelado do Opus Dei na Praça de São Pedro, e o discurso do Romano Pontífice na audiência aos peregrinos; e ainda algumas passagens das homilias pronunciadas por eminentes personalidades da Cúria romana, no decorrer de mais de vinte Missas de acção de graças que, para diferentes grupos linguísticos, se celebraram em Roma nos dias 19 e 20 de Maio; bem como as derradeiras concelebrações presididas no dia 21 de Maio pelo Excelentíssimo e Reverendíssimo Monsenhor Alvaro del Portillo e pelo Vigário Geral do Opus Dei, Mons. Javier Echevarría, na basílica de Santo Eugénio, antes da trasladação definitiva do féretro do Beato Josemaría Escrivá de Balaguer para a Igreja Prelática de Santa Maria da Paz.

Ao preparar esta publicação não se pretendeu unicamente recordar ou documentar graficamente um histórico acontecimento eclesial. Este número do *Boletim Informativo* pretende ser, antes de mais, um meio que nos ajude a renovar o nosso amor à Igreja e a pronunciar um sim mais decidido – mais confiado e mais humilde – à Vontade de Deus, movidos pelo exemplo do Beato Josemaría e confiando na sua intercessão junto da Santíssima Trindade.

BREVE APOSTÓLICO

Beatificação do Venerável Servo de Deus Josemaría Escrivá de Balaguer,
Sacerdote, Fundador do Opus Dei

JOÃO PAULO II

IOANNES
PAVLVS
PP-II

ad perpetuam rei memoriam

*Munere perfungens in statuandis
Christi regnum in omnibus gentibus of
Lumen Gentium, 5. Beatorum est - univer-
sale salutis sacramentum, mysterium a-
moris Dei erga hominem manifestans
simul et operans - Gaudium et Spes 45.
Venerabilis Josep Maria Escrivá
nuntium mira congruentia exprimit
universalis mysterii salvifici momentum: -
Omnes vocantur ad sanctitatem; Do-*

Para perpétua memória. Enviada para instaurar o reino de Cristo em todos os povos (cfr. Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen Gentium*, n.5), a Igreja é «sacramento universal de salvação, que manifesta e simultaneamente realiza o mistério do amor de Deus para com o Homem» (Conc. Vat. II, Const. past. *Gaudium et Spes*, n.45).

A mensagem do Venerável Josemaría Escrivá reflecte, com admirável coerência, o alcance universal do mistério salvífico: «A cada um chama à santidade, e a cada um pede amor: jovens e velhos, solteiros e casados, sãos e enfermos, cultos ou ignorantes, trabalhadores todos onde quer que trabalhem, estejam onde estiverem». (*Amigos de Deus*, n.294).

Ao proclamar a radicalidade da vocação baptismal, abriu novos horizontes para uma cristianização mais profunda da sociedade. Com efeito, o Fundador do Opus Dei veio recordar que a universalidade do chamamento à plenitude da união com Cristo implica também que qualquer actividade humana se pode converter em lugar de encontro com Deus.

O trabalho adquire, deste modo, um papel central na economia da santificação e do apostolado cristãos. A particular conexão existente entre a graça divina e o dinamismo natural do actuar humano confirma a primazia da vida sobrenatural de união com Cristo, ao mesmo tempo que a traduz num incisivo esforço de animação do mundo em relação a todos os fiéis. Nesse contexto o Venerável Josemaría Escrivá evidenciou toda a potência redentora da Fé, a sua energia transformadora tanto das pessoas como das estruturas em que se plasmam os ideais e as aspirações dos homens.

O Fundador do Opus Dei entendeu com clareza a ilimitada virtualidade apostólica implícita na vida comum dos fiéis, mediante o empenhamento em santificar o trabalho e o conjunto das actividades quotidianas. Daí a sua insistência na necessidade de fundir numa harmónica unidade de vida a oração, o trabalho e o apostolado: «há uma única vida, feita de carne e de espírito, e é essa que tem de ser - na alma e no corpo - santa e repleta de Deus... Necessita a nossa época de voltar a dar - à matéria e às situações aparentemente mais vulgares - o seu nobre e primitivo sentido, e de as colocar ao serviço do Reino de Deus». (*Temas Actuais do Cristianismo*, n.144).

O Venerável Josemaría Escrivá, nascido em Barbastro (Espanha) em 9 de Janeiro de 1902, foi ordenado sacerdote a 28 de Março de 1925, e no dia 2 de Outubro de 1928, fundou, em Madrid, o Opus Dei. No dia 14 de Fevereiro de 1930, compreendeu que devia alargar o seu apostolado também às mulheres. No fiel cumprimento da sua tarefa, moveu sacerdotes e leigos, homens e mulheres de todas as condições, a encontrar nas ocupações quotidianas o âmbito da sua corresponsabilidade na missão da Igreja, com plena dedicação a Deus nas circunstâncias ordinárias da vida secular. «Abriam-se os caminhos divinos da Terra», exclamava (*Cristo que passa*, n.21): não se limitou na prática a descrever as perspectivas pastorais que se abriam com esse empenhamento capilar na evangelização, mas configurou-o como realidade atinente à natureza estável e orgânica da Igreja.

Depois de uma intensa existência inteiramente gasta no cumprimento heróico desse serviço eclesial, marcado pela profunda experiência do mistério da Cruz, em estreitíssima união com a Bem-aventurada

Virgem Maria, o Venerável Servo de Deus entregou a alma a Deus no dia 26 de Junho de 1975, em Roma. Foi um autêntico mestre da vida cristã e soube alcançar os cumes da contemplação mediante uma oração contínua, uma mortificação constante, o esforço quotidiano de um trabalho realizado com exemplar docilidade às moções do Espírito Santo, com o fim de «servir a Igreja como a Igreja quer ser servida».

A notável fama de santidade, de que gozou em vida, consolidou-se com extraordinário vigor depois da sua morte. Em 1981, o Vigário Geral da diocese de Roma, Card. Ugo Poletti, deu início à Causa de Canonização do Servo de Deus. Depois da celebração dos dois Processos Cognicionais sobre a vida e virtudes, um em Roma e outro em Madrid, procedeu-se à discussão sobre a heroicidade das suas virtudes. O correspondente decreto foi emanado a 9 de Abril de 1990.

Entre os numerosos prodígios atribuídos ao Servo de Deus foi escolhida a cura milagrosa de uma religiosa, que teve lugar em 1976, e sobre a qual se instruiu um Processo Cognicional em 1982. Submetido o caso aos exames de rigor, foi promulgado, em 6 de Julho de 1991, o decreto *super miro*.

Chegamos deste modo a estabelecer que o rito da Beatificação tivesse lugar em 17 de Maio de 1992.

Hoje, portanto, em Roma, na Praça de São Pedro, no decurso da solene celebração litúrgica, pronunciamos a seguinte fórmula:

Nós acolhendo o desejo de nossos irmãos Camillo Ruini, Nosso Vigário para a cidade de Roma, e Pedro Giacomo Nonis, Bispo de Vicenza, bem como o de muitos outros Irmãos no Episcopado, e de inúmeros fiéis, depois de ter escutado o parecer da Congregação para as Causas dos Santos, declaramos com a Nossa Autoridade Apostólica que os Veneráveis Servos de Deus Josemaría Escrivá de Balaguer, sacerdote, Fundador do Opus Dei, e Josefina Bakhita, virgem, Filha da Caridade, Canossiana, de agora em diante podem ser chamados Beatos, e a sua festa se poderá celebrar, nos lugares e segundo o modo estabelecidos pelo Direito, anualmente, no dia do seu nascimento para o Céu: 26 de Junho para Josemaría Escrivá de Balaguer, e 8 de Fevereiro para Josefina Bakhita.
Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Tudo quanto decretamos pela presente carta, queremos que seja estável agora e no futuro, não obstante qualquer coisa em contrário.

Dado em Roma, junto de São Pedro, e selado com o anel do Pescador, em 17 de Maio de 1992, ano décimo-quarto do Nosso Pontificado.

Angelo Card. Sodano
Secretário de Estado

L.S.

Arquivo da Secr. de Estado, n. 304.722

17 de Maio



BEATIFICAÇÃO DE JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

Centenas de milhar de peregrinos enchem a Praça de São Pedro e as ruas circunvizinhas na manhã do dia 17 de Maio último. Era bem palpável a universalidade da Igreja no conjunto de pessoas de todas as raças, idades e condições sociais, que haviam chegado a Roma por esse motivo.

Dezenas de milhões de espectadores, em cerca de trinta países, acompanharam em directo a transmissão televisada da Missa da Beatificação. E os meios de comunicação de todo o mundo mobilizaram os seus correspondentes, para cobrirem essa evidente manifestação da perene vitalidade da Igreja.

Na devoção que se evidenciava nos rostos comovidos e alegres de todos os presentes, no recolhimento que reinava nessa multidão imensa, o mistério da unidade da Igreja - Povo de Deus, constituído por uma única fé - tornava-se patente em todo o mundo. Daqueles corações, com as suas histórias pessoais de lutas e fracassos, de sofrimentos e esperanças, se erguia ao Céu a mesma oração: com milhares de tonalidades diferentes, de agradecimento e de súplica, mas uma única oração de louvor a Deus.

No momento em que o Santo Padre João Paulo II proclamou beato Josemaría Escrivá e Josefina Bakhita, na fachada da Basílica de São Pedro, foi descoberto o estandarte com os seus retratos: o sorriso do Beato Josemaría Escrivá de Balaguer, o seu olhar amabilíssimo, pareceu fixar-se em cada um dos presentes. O aplauso que ressoou na Praça, acompanhado pelo canto do *Christus vincit*, manifestava de um modo inesquecível, a alegria da Igreja pelo triunfo de Cristo nos seus Bem-aventurados, e a esperança de alcançar com eles, através do peregrinar terreno, a «coroa de glória que não murcha»(1). Agora dos altares, o Beato Josemaría Escrivá recorda-nos, com renovada força, que se abriam para todos os caminhos divinos da Terra.

O Santo Padre ao proferir a homilia do dia 17 de Maio de 1992.

(1) Prefácio dos Santos, I



Retrato do Beato Josemaría Escrivá exposto na fachada da Basílica de São Pedro, no dia 17 de Maio – após a Beatificação – e no dia 18.

HOMILIA DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II

1. «É necessário passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus» (Act 14, 22).

Aos dois discípulos que percorriam a estrada para Emaús, Jesus disse-lhes: «Não era necessário que o Messias padecesse tudo isto para entrar na sua glória?» (Lc 24, 26).

Na primeira Leitura, por outro lado, fez-se ouvir a voz dos Apóstolos Paulo e Barnabé, que «confortam e exortam os seus discípulos a permanecer na fé» (cfr. Act 14, 22). Eles anunciavam a mesma verdade de que tinha falado Cristo no caminho para Emaús; uma verdade confirmada com a sua vida e com a sua morte. «É necessário passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus».

Através de muitas gerações, ao longo dos séculos, os discípulos de Cristo crucificado e ressuscitado escolhem o mesmo caminho, o caminho que Ele lhes tinha indicado.

«Dei-vos o exemplo» (Jo 13, 15).

2. Hoje oferece-se-nos a ocasião de fixar uma vez mais o nosso olhar nesta via de salvação – o caminho para a santidade –

detendo-nos por um instante sobre as figuras de duas pessoas que, daqui por diante chamaremos «Beatos»: Josemaría Escrivá de Balaguer, sacerdote, Fundador do Opus Dei e Josefina Bakhita, Filha da Caridade, canossiana.

A Igreja deseja servir e professar toda a verdade sobre Cristo: ela deseja ser *dispenseira de todo o mistério do seu Redentor*: se o caminho para o Reino de Deus, passa através de muitas tribulações, então no seu termo se encontrará também a participação na glória: aquela glória que Cristo nos revelou na sua Ressurreição.

A medida de semelhante glória é dada pela *nova Jerusalém* anunciada pelas palavras inspiradas do Apocalipse de São João: «Eis a morada de Deus com os homens! Ele habitará com eles, eles serão o Seu povo, e Ele será "Deus com eles"» (Apoc 21, 3).

«Eis que renovo todas as coisas» (Apoc 21, 5), diz o Senhor glorioso. O caminho para aquela «novidade» definitiva de todas as coisas passa, aqui na terra, pelo «*mandamento novo*»: «Que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo 13, 34). Este mandamento novo ocupou o cen-

A vida espiritual e apostólica do novo Beato esteve fundamentada em saber-se, pela fé, filho de Deus em Cristo.



Sua Santidade João Paulo II durante a incensação das relíquias do Beato Josemaría e da Beata Josefina Bakhita.

tro da vida de dois filhos exemplares da Igreja que hoje, na alegria pascal, são proclamados Beatos.

3. Josemaría Escrivá de Balaguer, nasceu numa família profundamente cristã, já na adolescência percebeu a chamada de Deus a uma vida de maior entrega. Poucos anos depois de ser ordenado sacerdote, iniciou a missão fundacional a que dedicaria 47 anos de amorosa e infatigável solicitude em favor dos sacerdotes e leigos do que é hoje a Prelatura do Opus Dei.

A vida espiritual e apostólica do novo Beato esteve fundamentada em saber-se, pela fé, filho de Deus em Cristo. Dessa fé se alimentava o seu amor ao Senhor, o seu ímpeto evangelizador, a sua alegria constante, mesmo nas grandes provas e dificuldades que teve de suportar. «Ter a cruz é encontrar a felicidade, a alegria, – diz-nos numa das suas meditações –; ter a cruz é identificar-se com Cristo, é ser Cristo e, por isso, ser filho de Deus».

Com sobrenatural intuição, o Beato Josemaría pregou incansavelmente o chamamento universal à santidade e ao apostolado. Cristo convoca todos a santifi-

car-se na realidade da vida quotidiana; por isso o *trabalho é também meio de santificação pessoal e de apostolado* quando se vive em união com Jesus Cristo, pois o Filho de Deus, ao encarnar, se uniu de certo modo a toda a realidade do homem e a toda a criação (cfr. *Dominum et vivificantem*, 50). Numa sociedade em que o afã desenfreado de possuir coisas materiais, as converte num ídolo e motivo de afastamento de Deus, o novo Beato recorda-nos que essas realidades, criaturas de Deus e do engenho humano, se se usam rectamente para Glória do Criador e ao serviço dos irmãos, *podem ser caminho para o encontro dos homens com Cristo*. «Todas as coisas da terra – ensinava –, também as actividades terrenas e temporais dos homens, têm de ser levadas a Deus» (Carta, 19-III-1954).

«Bendirei para sempre o Teu nome, meu Deus e meu Rei». Esta aclamação que fizemos no Salmo responsorial é como o compêndio da vida espiritual do Beato Josemaría. O seu grande amor a Cristo, por quem se sente fascinado, leva-o a consagrar-se para sempre a Ele, e a participar no mistério da sua paixão e ressurreição. Ao mesmo tempo, o seu amor filial à Virgem

Com sobrenatural intuição, o Beato Josemaría pregou incansavelmente a chamada universal à santidade e ao apostolado.

Maria, leva-o a imitar as suas virtudes. «Bendirei o Teu nome para todo o sempre»: eis o hino que brotava espontaneamente da sua alma e que o impelia a oferecer a Deus tudo aquilo que era seu e quanto o rodeava. De facto, a sua vida reveste-se de humanismo cristão com o selo inconfundível da bondade, da mansidão de coração, o sofrimento escondido com que Deus purifica e santifica os seus eleitos.

4. A actualidade e transcendência desta mensagem espiritual, profundamente enraizada no Evangelho, são evidentes como o mostra também a fecundidade com que Deus abençoou a vida e obra de Josemaría Escrivá. A sua terra natal, Espanha, honra-se com este seu filho, sacerdote exemplar, que soube abrir novos horizontes apostólicos à acção missionária e evangelizadora. Que esta gozosa celebração seja ocasião propícia que encoraje todos os membros do Opus Dei a uma maior entrega, na sua resposta ao chamamento à santificação e a uma mais generosa participação na vida eclesial, sendo sempre *testemunhas dos genuínos valores evangélicos*, o que se deverá traduzir num entusiástico dinamismo apostólico, com particular atenção para os pobres e necessitados.

5. Também na Beata Josefina Bakhita encontramos uma testemunha eminente do amor paternal de Deus e *um sinal esplendoroso da perene actualidade das Bem-aventuranças*. Nascida no Sudão, em 1869, raptada por negreiros, quando criança, e várias vezes vendida nos mercados africanos, conheceu as atrocidades de uma escravidão, que lhe deixou no corpo profundos sinais da crueldade humana.

Cardeal Johannes Willebrands
Presidente Emérito do Conselho Pontifício
para a Promoção da Unidade dos Cristãos
(Basílica de S. Clemente, 19-V-1992)

Para toda a Igreja a pessoa do Fundador do Opus Dei tem um significado especial. Mons. Escrivá ensinou-nos, no caminho da nossa vida, o Caminho que é Cristo. Mostrou-nos esse caminho na nossa época; descreveu-o e percorreu-o com humano entusiasmo e vigor espiritual. A descrição que nos faz o Apóstolo S. Paulo, com a força e inspiração do Espírito Santo, das suas contrariedades, das suas alegrias e da sua vida com Deus por Cristo Jesus, encontra uma forma e uma realidade peculiar em Josemaría.

Apesar destas experiências de dor, a sua inocência permaneceu íntegra, rica de esperança. «Como escrava nunca me desesperei – dizia – porque sentia dentro de mim uma força misteriosa que me amparava». O nome Bakhita – como lhe tinham chamado os seus raptadores – significa Afortunada e tal, de facto, se tornou, graças ao Deus de toda a consolação, que a segurava sempre pela mão e caminhava ao lado dela.

Chegada a Veneza, pelas vias misteriosas da Divina Providência, Bakhita bem depressa se abria à graça. O baptismo e, depois de alguns anos, a profissão religiosa entre as Irmãs Canossianas, que a tinham acolhido e instruído, foram *as consequências lógicas da descoberta do tesouro evangélico*, pelo qual sacrificou tudo, também o seu retorno, sendo livre, à terra natal. Como Madalena de Canossa, também ela queria viver só para Deus, e com constância heróica encaminhou-se, humilde e confiante, pela via da fidelidade ao maior amor. A sua fé era sólida, límpida, ardente. «Se soubésseis que grande alegria é conhecer Deus», costumava repetir.

6. A nova Beata passou 51 anos de vida religiosa canossiana, deixando-se guiar pela obediência num empenho quotidiano, humilde e escondido, mas rico de genuína caridade e de oração. Os habitantes de Schio, onde residiu durante quase o tempo todo, bem cedo descobriram na sua «Mãe Morena» – chamavam-lhe assim – uma humanidade rica no dom, uma força interior não comum que atraía. A sua vida consumiu-se numa incessante oração de anseio missionário, numa fidelidade humilde e heróica à caridade, que lhe permitiu viver a liberdade dos filhos de Deus e promovê-la em redor de si.

No nosso tempo, em que a corrida desenfreada ao poder, ao dinheiro e ao prazer causa tanto desencorajamento, violência e solidão, a Irmã Bakhita é-nos dada de novo pelo Senhor como irmã universal, para que nos revele o segredo da felicidade mais verdadeira: as Bem-aventuranças.

A sua é uma *mensagem de bondade heróica*, à imagem da bondade do Pai celeste. Ela deixou-nos *um testemunho de reconciliação e de perdão evangélicos*, que levará certamente conforto aos cristãos da

sua pátria, o Sudão, tão duramente provados por um conflito que continua há muitos anos, e que causou tantas vítimas. A fidelidade e a esperança deles são motivo de orgulho e de acção de graças para toda a Igreja. Neste momento de grandes tribulações, a irmã Bakhita precede-nos na via da imitação de Cristo, do aprofundamento da vida cristã e da inabalável dedicação à Igreja. Ao mesmo tempo desejo, mais uma vez, dirigir um premente apelo aos responsáveis do destino do Sudão, a fim de que dêem realização aos afirmados ideais de paz e de concórdia; a fim de que o respeito dos direitos fundamentais do homem – e, em primeiro lugar, do direito à liberdade religiosa – seja garantido a todos, sem discriminações étnicas ou religiosas.

Muito preocupante é a situação das centenas de milhar de refugiados das regiões meridionais, que a guerra constrangiu a abandonar casa e trabalho; recentemente também foram obrigados a deixar os campos, onde tinham encontrado alguma forma de assistência e foram levados para lugares desérticos, e até foi impedida a passagem livre dos comboios de socorro das agências internacionais. A situação deles é trágica e não pode deixar-nos insensíveis.

Recomendo vivamente às Entidades internacionais de assistência que continuem a enviar a sua ajuda providente, necessária e urgente.

Ao saudar a delegação da Igreja do Sudão, presente nesta celebração, dirijo um afectuoso pensamento, acompanhado pela oração, a toda a Igreja naquele País: aos Bispos, ao clero diocesano e missionário, aos Leigos empenhados na pastoral, e também aos Catequistas, colaboradores generosos e necessários para a propagação da Verdade, da Palavra e do Amor de Deus. As populações do Sudão estão sempre presentes no meu coração e nas minhas orações: confio-as à intercessão da nova Beata Josefina Bakhita.

7. «Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros» (Jo 13, 34-35). Nesta frase evangélica encontramos a *síntese de toda a santidade*; a santidade que alcançaram por caminhos diversos, mas convergentes



na única meta, Josemaría Escrivá de Balaguer e Josefina Bakhita. Amaram a Deus com todas as forças do seu coração e deram prova de uma caridade vivida até ao heroísmo, mediante obras de serviço aos homens seus irmãos. Por isso a Igreja os eleva à honra dos altares e os apresenta como exemplos na imitação de Cristo, que nos amou e se deu a si mesmo por cada um de nós (cfr. *Gál 2, 20*).

8. «Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado n'Ele» (Jo 13, 31): *o mistério pascal da glória*.

Através do Filho do homem esta glória estende-se a todas as coisas visíveis e invisíveis: «Louvamos-Te, Senhor, por todas as Tuas obras, e bendizemos-Te na Tua fidelidade. *Apregoamos a glória do Vosso Reino*» (Sl 144, 10-11). Diz o Filho do Homem: «Não tinha... de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?». Eis aqueles que, de geração em geração, seguiram Cristo: «Através de muitas tribulações, eles entraram no Reino de Deus».

«O Vosso Reino estende-se por todos os séculos».

O Santo Padre João Paulo II e o Bispo Prelado do Opus Dei, D. Alvaro del Portillo, no dia 17 de Maio de 1992, após a cerimónia de Beatificação.



PALAVRAS DO SANTO PADRE NO «REGINA CAELI»

A alegria da Igreja

O Santo Padre saúda os doentes que assistiram, junto do altar, à cerimónia da Beatificação.

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

Chegou o momento de recitar a formosa antífona do «*Regina Caeli*». Ela exprime de um modo magnífico a alegria da Mãe do Senhor, pela Ressurreição do seu Filho, e com Ela e n'Ele, a alegria da Igreja e de todos nós.

Hoje, de modo particular, a Igreja alegra-se com Maria ao ver elevados à honra dos altares, o Beato Josemaría Escrivá de Balaguer e a Beata Josefina Bakhita.

A Igreja alegra-se por ambos, pelo facto de se terem encontrado hoje para esta Beatificação na Praça de São Pedro. É um encontro muito significativo para nós e para todo o mundo.

Este nosso irmão e esta nossa irmã em Cristo, alimentaram constantemente a sua vida espiritual com uma fervorosa e autêntica devoção à Mãe de Deus.

Também nos últimos momentos da sua vida terrena, Monsenhor Josemaría Escrivá dirigiu um intenso olhar para o quadro de Nossa Senhora de Guadalupe, que tinha no seu quarto, a fim de se entre-

gar à Sua intercessão maternal e pedir-lhe que o acompanhasse ao encontro com Deus. Da mesma forma também as últimas palavras da Irmã Bakhita foram uma invocação estática à Virgem: «Nossa Senhora! Nossa Senhora!», exclamou ela, enquanto o sorriso lhe iluminava o rosto.

Por isso o encontro de ambos, hoje, para esta Beatificação na Praça de São Pedro é tão significativo para a Igreja.

Também nós, à luz do seu exemplo, somos convidados a olhar para Maria e a invocá-la, sobretudo neste mês a Ela dedicado, em especial recitando o Santo Rosário. Nesta oração, Nossa Senhora guia a nossa meditação para os principais mistérios da Redenção. Assim, a fé de Maria tem de ser também a nossa; e a sua alegria a nossa também.

E como Ela é «*causa nostrae laetitiae*», esforcemo-nos por ser também nós a alegria de Maria, a fim de alcançar com Ela, Rainha do Céu, a Pátria bem-aventurada.

Nos últimos momentos da sua vida terrena, Monsenhor Escrivá dirigiu um último e intenso olhar ao quadro de Nossa Senhora de Guadalupe.



MISSA DE ACÇÃO DE GRAÇAS

Depois de uma beatificação, a Igreja reúne-se em oração de agradecimento a Deus, pelas maravilhas que operou na vida dos seus santos. É tradição que, nos dias seguintes se celebrem Missas de acção de graças, e o Santo Padre conceda uma audiência aos peregrinos

Nessa altura, os fiéis chegados a Roma para assistir à beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer atingiam número tão elevado que era absolutamente impossível que coubessem, para a primeira Missa de acção de graças, em honra do novo Beato, numa igreja ou basílica de Roma. O mesmo se dava com a audiência do Santo Padre: a capacidade da Aula Paulo VI tornava-se insuficiente. Em face destas circunstâncias, pensou-se realizar as duas reuniões no Estádio Olímpico e apresentou-se esse projecto à Santa Sé, para aprovação. Dias depois, comunicaram do Vaticano que como solução absolutamente excepcional, o Prelado do Opus Dei poderia utilizar, na segunda-feira dia 18, o altar papal que iria ser preparado para as beatificações do dia 17 na Praça de São Pedro, solicitando, ao mesmo tempo, que no Domingo à tarde, se colaborasse no arrumo das cadeiras utilizadas nessa manhã para a beatificação de Josemaría Escrivá e de Josefina Bakhita. De harmonia com este plano, o Revmo. D. Alvaro del Portillo, Bispo Prelado do Opus Dei, concelebrou com o Vigário Geral e os Vigários das diversas circunscrições da Prelatura, antes de ter lugar a audiência com o Papa.

Reproduzem-se a seguir, por ordem cronológica, a homilia pronunciada pelo Prelado do Opus Dei, a sua saudação ao Santo Padre e o discurso do Papa aos peregrinos.

O Exmo. e Revmo. Senhor D. Alvaro del Portillo, durante a apresentação das oferendas, na Missa de acção de graças celebrada na Praça de São Pedro, a 18 de Maio de 1992.

HOMILIA DO PRELADO DO OPUS DEI NA PRAÇA DE SÃO PEDRO

Quantas vezes o ouvi
exclamar,
particularmente nos
últimos anos da sua
vida: *vultum tuum,
Domine, requiram!*,
desejo contemplar a tua
face, Senhor!

1. Com imensa alegria assistimos ontem à Beatificação do Fundador do Opus Dei, Josemaría Escrivá de Balaguer, e da Madre Josefina Bakhita, religiosa Filha da Caridade, canossiana. Hoje, graças à benevolência do Santo Padre João Paulo II, tenho a alegria de presidir a esta solene celebração em acção de graças à Santíssima Trindade e em honra do Beato Josemaría.

As palavras da Sagrada Escritura que acabamos de escutar na primeira Leitura, falam-nos de uma imensa multidão de santos que clamam no Céu: *Aleluia! A salvação, a glória e o poder são do nosso Deus!*¹. É o grito de louvor que brota também das nossas almas em comunhão com a Igreja celestial; uma união verdadeiramente íntima, porque a vida sobrenatural que os bem-aventurados alcançaram de um modo definitivo, é também vida nossa. Deus chamou-nos a ser *conformes à imagem do seu Filho*², e enviou o Espírito Santo aos nossos corações para nos transformarmos **noutro Cristo, no próprio Cristo**, como gostava de afirmar o Beato Josemaría³.

Agora somos filhos de Deus – escreve S. João –, *e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos tal como é*⁴. O sentido da nossa filiação divina em Cristo, que informou toda a vida e a pregação do Beato Josemaría Escrivá de Balaguer, suscitava na sua alma um ardente desejo

Cardeal Ugo Poletti

Arcipreste da Patriarcal Basílica Liberiana de Santa Maria Maior

(Da homilia lida pelo Exmo. e Revmo. D. Juan Larrea, Arcebispo de Guayaquil (Equador), na Basílica de Santa Maria Maior, 20-V-1992)

A devoção à Nossa Mãe estava radicada no espírito do Beato Josemaría com tão elevada profundidade teológica e afecto filial, que *ser cristão* – filho de Deus em Cristo – implica, na sua vida e nos seus ensinamentos, o *ser mariano*, filho de Maria. Podemos assim dizer, sem medo a exagerar, que a riqueza da sua piedade mariana representa já um tesouro para toda a Igreja.

de contemplar Deus. Quantas vezes lhe ouvi exclamar, sobretudo nos últimos anos da sua vida: **vultum tuum, Domine, requiram!**⁵ – desejo contemplar o teu rosto, Senhor! Este anelo movia-o a manter um diálogo constante com Deus em todas as circunstâncias: no trabalho e no descanso; na soledade da oração e na conversa sacerdotal com as almas; na alegria e na dor, a qual se converteria sempre em alegria porque nos sofrimentos sabia reconhecer a Cruz de Cristo. O amor à Cruz permitiu-lhe compreender no seu âmago as palavras inspiradas do Apóstolo S. Paulo: *todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus*⁶. Em face de qualquer contrariedade, a sua reacção era sempre: **omnia in bonum!**: tudo é para bem!

2. Poucas semanas antes de que o Senhor o chamasse a gozar definitivamente da Sua presença, dizia-nos: **temos de estar (...) no Céu e na terra, sempre. Não «entre» o Céu e a terra, porque somos do mundo. No mundo e no Paraíso ao mesmo tempo (...), endeusados, mas sabendo que somos do mundo**⁷. Por este caminho de contemplação vivida no âmbito das ocupações terrenas, o Espírito Santo conduziu o Beato Josemaría aos mais altos cumes da vida mística, à união com a Trindade divina. O diálogo filial com Deus tornava-se então tão íntimo que – como ele próprio explicava –, **sobejam as palavras, porque a língua não consegue expressar-se; já o entendimento se aquieta. Não se discorre, vê-se! E a alma rompe de novo num cântico, um cântico novo, pois se sente e se sabe também olhada amorosamente por Deus, a todo o momento.**

Não estou a referir-me – acrescentava – a situações extraordinárias. São, podem muito bem ser, fenómenos ordinários da nossa alma: uma loucura de amor que, sem espectáculo, sem extravagâncias, nos ensina a sofrer e a viver,

(1) Ap 19, 1 (Primeira leitura).

(2) Rom 8, 29 (Segunda leitura).

(3) Cfr J. Escrivá, *Cristo que passa*, n. 104.

(4) 1 Jo 3,2.

(5) Cfr Sl 27 (26), 8.

(6) Rom 8, 28 (Segunda leitura).

(7) J. Escrivá, *Meditação Consumados na unidade*, 27-III-1975.

porque Deus nos concede a Sabedoria⁸.

O meu coração transborda de emoção, ao testemunhar hoje, aqui, com profunda gratidão a Nosso Senhor, que durante quarenta anos, um dia após outro, presenciei a vida santa do Beato Josemaría, o seu amor a Deus e a todas as almas, a sua heróica correspondência à graça de Cristo, que Deus concede abundantemente aos que são humildes⁹. Fui testemunha de como levou à prática, com abnegação heróica, o programa de João Baptista: *é necessário que Ele cresça e que eu diminua*¹⁰, até alcançar o cume que permite à alma exclamar com S. Paulo: *para mim o viver é Cristo*¹¹; *vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*¹².

Contemplando a vida dos que seguiram fielmente Cristo – ensina o Concílio Vaticano II – *novos motivos nos movem a buscar a cidade futura* (cfr Heb 13, 14 e 11, 10) e, *ao mesmo tempo, aprendemos o caminho mais seguro através do qual, por entre as vicissitudes mundanas, poderemos chegar à perfeita união com Cristo*¹³. A santidade alcançada pelo Beato Josemaría não constitui um ideal impossível; é um exemplo que não é proposto apenas a algumas almas eleitas, mas a uma imensidade de cristãos, chamados por Deus a santificar-se no mundo: no âmbito do trabalho profissional, da vida familiar e social. É um exemplo clarificador de como as ocupações quotidianas não são um obstáculo para o desenvolvimento da vida espiritual, mas podem e devem transformar-se em oração. Ele mesmo anotava por escrito nos seus apontamentos pessoais, com certa surpresa, que vibrava de Amor de Deus precisamente **ao andar na rua, por entre o ruído dos automóveis, dos transportes públicos, da multidão; inclusivamente ao ler o jornal**¹⁴. Trata-se de um exemplo particularmente próximo, porque o Beato Josemaría viveu entre nós: muitos dos que aqui se encontram o conheceram pessoalmente. Ele participou com intensidade nas angústias da nossa época, e foi precisamente no meio das actividades diárias, mediante o cumprimento fiel dos deveres quotidianos no Espírito de Cristo¹⁵, que alcançou a santidade.

3. Acabamos de ouvir, no Evangelho da Missa, as palavras com que termina o relato da pesca milagrosa: os Apóstolos, **deixando tudo, seguiram Jesus**¹⁶. O ensinamento é claro: para seguir a Cristo é



preciso deixar todas as coisas. O Beato Josemaría correspondeu sem hesitações a esta exigência, e ensinou que é possível cumprí-la cabalmente no meio do mundo. Sim!, é possível *ser* do mundo sem ser mundano; é possível permanecer no lugar de cada um, e ao mesmo tempo seguir a Cristo e permanecer n'Ele. É possível **viver no céu e na terra, ser contemplativos no meio do mundo**, transformando as circunstâncias da vida ordinária em ocasião de encontro com Deus; no meio do mundo para levar outras almas ao Senhor, e informar a partir de dentro a sociedade humana com o espírito de Cristo, oferecendo a Deus Pai todas as nossas obras em união com o Sacrifício da Cruz, que se renova sacramentalmente na Eucaristia¹⁷.

Esta mensagem de santificação *em, desde e através* das realidades humanas, é providencialmente actual na situação do nosso tempo¹⁸, que necessita urgentemen-

Vista panorâmica da Praça de São Pedro, no dia 18 de Maio de 1992, durante a Solene Missa de acção de graças pela Beatificação do Fundador do Opus Dei, presidida pelo Exmo. e Revmo. Senhor D. Alvaro del Portillo.

(8) J. Escrivá, *Amigos de Deus*, n.307.

(9) Cfr 1 Pe 5, 5; Iac 4, 6.

(10) Jo 3, 30.

(11) Fil 1, 21.

(12) Gal 2, 20.

(13) Concílio Vaticano II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 50.

(14) J. Escrivá, 26-III-1932, em *Apontamentos Íntimos*, n.673

(15) Cfr *Oração colecta para a Missa em honra do Beato Josemaría Escrivá* (Congr. De Cultu Divino et Disciplina Sacramentorum, Prot. CD 537/92).

(16) Lc 5, 11 (*Evangelho da Missa*).

(17) Cfr *Oração sobre as oblatas para a Missa em honra do Beato Josemaría Escrivá*, o.c.

(18) Congregação para as Causas dos Santos, *Decreto sobre as virtudes heróicas do Servo de Deus Josemaría Escrivá de Balaguer*, 9-IV-1990 (AAS, LXXXII, n.12, pp. 1450-1455)

O Bem-aventurado Josemaría quis sempre viver para a glória de Deus e orientar para esse fim todas as realidades terrenas.

te de canalizar o desenvolvimento científico e técnico não para a simples e infra-humana cultura do bem-estar, mas para uma cultura – poderíamos dizê-lo – do *bem-estar integral*: de todo o homem e de todos os homens, a fim de edificar o reino de Cristo na terra: um *reino de justiça, de amor e de paz*¹⁹. Este reino, de que é portadora a Igreja, começa no coração do homem, e propaga-se daí à vida familiar, profissional e social. Com palavras do Santo Padre João Paulo II, na sua primeira Encíclica, este nosso mundo *das conquistas científicas e técnicas (...)* é, ao mesmo tempo, o mundo que geme e sofre (Rom 8, 22) e espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus (Rom 8,19)²⁰. Não há lugar para dúvidas: estas crises mundiais são crises de santos. – Deus quer um punhado de homens «seus» em cada actividade. – Depois... «*pax Christi in regno Christi*» – a paz de Cristo no reino de Cristo²¹.

4. Desde muito novo, o Beato Josemaría compreendeu, com luzes divinas, que a Criação, a Redenção e a Santificação do mundo constituem a trama de um único projecto eterno da Santíssima Trindade, que ordenou todas as coisas para a glória do Pai, e as conduz a esse fim por meio do Filho, com a força do Espírito Santo. Já nos anos trinta, condensava assim, em breves traços, o programa da sua vida e a razão de ser do Opus Dei: **Temos de dar a Deus toda a glória. Ele o quer: *gloriam meam alteri non dabo*, a minha glória não a darei a outro (Is 42, 8). E por isso queremos nós que Cristo reine, já que *per ipsum, et cum ipso, et in ipso, est tibi Deo Patri Omnipotenti in unitate Spiritus Sancti omnis honor et gloria*: por Ele, com Ele, e n'Ele, é para ti Deus Pai**

Cardeal Eduardo Martínez Somalo

Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e para as Sociedades de Vida Apostólica (Basílica de S. Paulo «extra-muros», 19-V-1992)

Como não louvar o nosso Deus e agradecer-Lhe o dom que acaba de nos dispensar! Um dom para toda a Igreja – como nos foi dito por João Paulo II –, para toda a Igreja, e que engalanou a sua deslumbrante veste com a vida do Beato Josemaría Escrivá de Balaguer. Um dom que agradecemos, de um modo particular, todos os que tivemos a felicidade de o conhecer pessoalmente nesta terra, todos os que – de um modo ou de outro – sentimos na nossa própria existência o impulso da sua alma, límpida e generosa.

Omnipotente, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória. E a exigência da sua glória e do seu reinado é que todos, com Pedro, nos dirijamos a Jesus por Maria²².

O Beato Josemaría quis sempre viver para a glória de Deus, e encaminhar para esse fim todas as realidades terrenas. Por isso, procurou com toda a sua alma, a união com Cristo através de Maria, e alcançou-a porque amou com todo o seu coração e serviu com toda a sua vida a Igreja e o Papa. Não posso deixar de recordar a primeira vez que veio a Roma, e a sua emoção ao divisar a cúpula de S. Pedro e ao rezar o Credo. Passou aquela noite inteira em vigília de oração, com os olhos postos nas janelas dos aposentos do Santo Padre, que se divisavam a pouca distância da varanda da casa onde nos encontrávamos, na vizinha Piazza della Città Leonina. Esse espírito de oração perseverante e penitente, esse amor à Igreja e ao Romano Pontífice, foi o que inculcou numa multidão de almas, e do qual, hoje, aqui, queremos ser uma singular manifestação.

Invocamos, com emoção e agradecimento, a intercessão do Beato Josemaría, para chegarmos também nós à santidade pelo caminho seguro, que é a Nossa Mãe, a Virgem. O Papa Paulo VI proclamou Santa Maria *Mater Ecclesiae*, Mãe da Igreja²³, e o Santo Padre João Paulo II quis iluminar, com a sua imagem, esta maravilhosa Praça de S. Pedro, abrindo os seus braços a toda a humanidade. Através da sua mediação materna recebemos a graça do Espírito Santo que nos faz membros de Cristo na Igreja.

Cristo, Maria, o Papa: três nomes intimamente unidos no coração do Beato Josemaría, que quis resumir o seu afã apostólico naquela aspiração tantas vezes repetida, que também nós fazemos, agora, uma vez mais, nossa: ***Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!***, todos, com Pedro – com o Papa e na Igreja –, a Jesus por Maria! Assim seja.

(19) Missal Romano, *Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei Universal*. Prefácio.

(20) João Paulo II, Enc. *Redemptor hominis*, 4-III-1979, n.8.

(21) J. Escrivá, *Caminho*, n.301.

(22) J. Escrivá, *Instrução*, 19-III-1934, nn. 36-37.

(23) Paulo VI, *Discurso de encerramento da III sessão do Concílio Vaticano II*, 21-XI-1964: AAS 56 (1964) 1015.



AUDIÊNCIA AOS PEREGRINOS SAUDAÇÃO DO PRELADO DO OPUS DEI AO SANTO PADRE

Beatíssimo Padre,

Experimento uma vivíssima alegria ao tomar a palavra e dirigir-me a Vossa Santidade. Faço-o em nome dos milhares de fiéis, sacerdotes e leigos, da Prelatura do Opus Dei, dos Cooperadores e dos amigos da Obra, que acorreram a Roma dos cinco continentes para assistir à Beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer, Fundador do Opus Dei. Sou ciente de também representar todos aqueles, ainda em maior número que, não tendo podido vir à Cidade Eterna, aqui se encontram espiritualmente presentes, na Praça de S. Pedro, e se unem a nós na fiel adesão e no afecto filial ao Romano Pontífice.

Permiti-me, Santo Padre, que em nome de todos eles e fazendo-me ainda intérprete dos sentimentos das inúmeras pessoas que recorrem à intercessão do Beato Josemaría Escrivá, lhe agradeça a solene cerimónia de Beatificação, a que ontem Vossa Santidade presidiu neste mesmo lugar.

A crescente difusão da devoção privada ao Fundador do Opus Dei foi definida, no Decreto sobre as suas virtudes heróicas, como «*um verdadeiro fenómeno de piedade popular*». Daqui em diante, depois da sua elevação à glória dos altares, aumentará ainda mais o número dos que irão receber uma eficaz ajuda espiri-

tual através do culto público, o exemplo e os ensinamentos do Beato Josemaría. O motivo principal da nossa alegria e da nossa gratidão a Deus e a Vossa Santidade é precisamente o grande bem que ela trará não só ao Opus Dei mas a toda a Igreja. Este sentimento é a directa consequência de quanto aprendemos e ouvimos constantemente do Beato Josemaría Escrivá, que costumava repetir: **a única ambição, o único desejo do Opus Dei e de cada um dos seus filhos é a de servir a Igreja, como Ela deseja ser servida**¹.

Cardeal Sebastiano Baggio

Camarlengo da Santa Igreja Romana (Basílica de Santa Maria «in Vallicella», 20-V-1992)

O Beato Josemaría Escrivá realizou o seu labor fundacional com uma total rectidão de intenção. Apenas lhe interessava a glória de Deus, e isto mesmo explica o seu profundo amor à liberdade, nota característica da sua vida e da sua pregação (...).

Para o Beato Josemaría Escrivá, a unidade com a Igreja não é algo de exterior, mas sinal constitutivo do autêntico apostolado. Vêm-nos à mente novos motivos de agradecimento a Deus por essa unidade de apostolado, que seguindo o caminho traçado pelo Beato Josemaría Escrivá, o Opus Dei viveu com tanta intensidade, desde o seu início. Unidade que encontrou adequada expressão institucional na erecção do Opus Dei em Prelatura pessoal, e que a Ordenação episcopal da seu Prelado contribuiu para evidenciar como que enraizada na própria fonte da unidade apostólica: o Colégio Episcopal que – *cum Petro et sub Petro* – sucedeu ao Colégio Apostólico.

D. Alvaro del Portillo, Bispo Prelado do Opus Dei, dirigiu uma saudação ao Santo Padre, no início da audiência do dia 18 de Maio de 1992.



O Santo Padre abraça D. Alvaro del Portillo, antes de iniciar a audiência do dia 18 de Maio de 1992.

Este serviço, como qualquer serviço verdadeiramente eclesial, exige a comunhão com os Pastores que *o Espírito Santo (...)* pôs como bispos para apascentar a Igreja de Deus, que Ele adquiriu para Si com o seu sangue², e de um modo particular com o Sucessor de Pedro, como princípio e fundamento visível da unidade da Igreja³. O Beato Josemaría Escrivá nos fez sempre considerar a comunhão com o Romano Pontífice no seu profundo conteúdo teológico e a vivê-la sempre como uma amabilíssima exigência de união efectiva e afectiva. Interpretando os sentimentos de todos aqueles que hoje represento, posso dirigir-me ao Senhor fazendo minha, uma vez mais, uma exclamação do Beato Josemaría: **Obrigado, meu Deus, pelo amor ao Papa que puseste no meu coração**⁴.

O Bem-aventurado Josemaría Escrivá moveu-nos a considerar sempre a união com o Romano Pontífice no seu profundo conteúdo teológico.

Beatíssimo Padre, neste dia em que por uma gratíssima coincidência festejamos o septuagésimo segundo aniversário de Vossa Santidade, permita-me, renovando a plena adesão minha e de toda a Prelatura do Opus Dei à Sede de Pedro, dirigir-lhe os parabéns com a clássica expressão latina, que pretende ser uma invocação ao Senhor e à sua Santíssima Mãe: *ad multos annos!* E, depois de agradecer uma vez mais de todo o coração a Vossa Santidade, peço, para mim e para todos os que participam festivamente na Beatificação de Josemaría Escrivá, a força da Bênção Apostólica.

(1) J. Escrivá, *Carta*, 31-V-1943, n.1

(2) Act 20, 28.

(3) Cfr. Concílio Vaticano II, Const. dogma. *Lumen Gentium*, n.23.

(4) J. Escrivá, *Caminho*, n.573.



Sua Eminência o Cardeal Angelo Sodano
Secretário de Estado de Sua Santidade
(Basílica Romana de S. Paulo «extra-muros» 20-V-1992)

É Pedro quem conduz a nave para a pesca milagrosa. Ontem como hoje. Do mesmo modo, o Sucessor de Pedro, é quem dirige a nave da Igreja através dos mares da história humana; é o Papa quem recebe do Espírito a força, no seu ministério, para confirmar os seus irmãos na fé (cfr. Lc 22,32).

Este sentimento de adesão ao Romano Pontífice encontrava-se profundamente enraizado na vida do Beato Josemaría (...).

A Beatificação de Mons. Escrivá, queridos irmãos e irmãs, constitui um momento propício que Deus nos oferece para reafirmarmos a nossa entrega generosa ao anúncio e ao testemunho apostólico (...).



DISCURSO DO SANTO PADRE AOS PEREGRINOS

1. Agradeço sentidamente a filial adesão que, em nome de todos os que enchem a Praça de S. Pedro e dos numerosos fiéis, Cooperadores e amigos do Opus Dei, me foi expressa por D. Alvaro del Portillo. A ele dirijo uma especial e afectuosa saudação, que torno extensiva aos demais membros do Episcopado e a todos os presentes.

Vós estais cheios de alegria pela Beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer, porque confiais em que a sua elevação aos altares, como acaba de dizer o Prelado do Opus Dei, significará um grande bem para a Igreja. *Também eu partilho desta confiança.* Estou na verdade convencido, como escrevi na Exortação Apostólica *Christifideles laici*, de que «a totalidade do Povo de Deus, e os fiéis leigos em particular, podem encontrar agora novos modelos de santidade e novos testemunhos de virtude heróica vivida nas condições comuns e ordinárias da existência humana» (n.17). Como não ver no exemplo, nos ensinamentos e nas obras do Beato Josemaría Escrivá um eminente testemunho de heroísmo cristão no exercício das comuns actividades humanas?

A chamada universal à santidade e ao apostolado é, como bem o sabeis, um dos pontos sobre os quais mais insistiu o Magistério do Concílio Vaticano II (cfr. *Lumen Gentium*, nn. 40-42; *Apostolicam actuositatem*, nn. 1-4). Como já outros

antes dele, o Beato Josemaría, graças às luzes de Deus, compreendeu esta vocação universal não só como uma doutrina para ensinar e difundir especialmente entre os fiéis leigos, mas também e sobretudo como o próprio núcleo de um activo empenhamento na sua actividade pastoral. O jovem sacerdote Josemaría Escrivá encontrou-se a trabalhar com generosa correspondência à graça divina num campo semeado de dificuldades. A sua fidelidade permitiu ao Espírito Santo conduzi-lo aos cumes da união pessoal com Deus, determinante de uma fecundidade apostólica extraordinária. O Senhor, na verdade, concedeu-lhe contemplar já no decorrer da sua vida terrena, frutos compensadores do seu apostolado, que Josemaría atribuía exclusivamente à bondade divina, considerando-se sempre um «instrumento inepto e surdo», dando provas de uma extraordinária humildade, a ponto de se ver, no final da sua vida, «como uma criança que balbucia».

Uma nova chamada à santidade

2. A Beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer oferece-me a ocasião para este gozoso encontro com todos vós, queridos sacerdotes e leigos, que, em tão grande número, peregrinastes a Roma para participar nesta sentida manifestação de fé e de comunhão eclesial.

O Romano Pontífice João Paulo II antes da audiência do dia 18 de Maio de 1992, ao ser aclamado pelos peregrinos que assistiram à Beatificação.

Exultais de alegria pela Beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer, porque confiais em que a sua elevação aos altares irá proporcionar um grande bem à Igreja.

Cardeal Camillo Ruini

Vigário de Sua Santidade para a Diocese de Roma
Presidente da Conferência Episcopal Italiana
(Basílica de S. João de Latrão, 19-V-1992)

Santificar-se no meio do mundo: o Beato Josemaría incarnou integralmente este ideal, ensinando, com o seu exemplo, a torná-lo possível precisamente onde confluem os interesses vitais da nossa história contemporânea, tão sensível ao valor do trabalho como meio de promover a dignidade do homem e o progresso social (...). Esta mensagem – profundamente evangélica – do Beato Josemaría Escrivá, tem lugar, sem dúvida, entre aquelas que deram um novo dinamismo à missão da Igreja. O Povo de Deus, que caminha para o terceiro milénio do seu peregrinar terreno, encontra nos ensinamentos do Fundador do Opus Dei uma poderosa fonte de luz (...).

Antes de mais compraz-me apresentar a minha deferente saudação às digníssimas autoridades e personalidades da América Latina e de Espanha que quiseram participar em tão solene acto. A figura de um Beato representa uma nova chamada à santidade, que não é um privilégio nem vai dirigida apenas a uns quantos, mas deve ser a meta comum de todos os cristãos. Com efeito, no baptismo, pelo qual nos tornamos filhos de Deus, é recebida a graça, essa semente de santidade que vai crescendo e amadurecendo com a ajuda dos outros sacramentos e das práticas de piedade, e que se há-de manifestar nos frutos e no testemunho de vida que o Espírito promove naqueles que o amam. Assim se pode alcançar aquela plenitude de que fala o Apóstolo Paulo: «esta é a vontade de Deus, a vossa santificação» (I Tess 4, 3).

Esta chamada à santidade foi propos-

Cardeal Andrzej Maria Deskur

Presidente Emérito do Conselho Pontifício
para a Comunicação Social
(Cripta dos Papas (Vaticano), 19-V-1992)

Encontramo-nos aqui para dar graças a Deus, em nome da Igreja e, de um modo especial em nome da Igreja da Polónia e de todas as igrejas eslavas, onde a Obra do Beato Josemaría é conhecida e onde se encontra e está realizando essa nova evangelização a que estamos chamados (...). Aqui, neste lugar em que estão enterrados os Papas, testemunhas destes últimos anos da Igreja, que estiveram em relação com o Beato Escrivá, apresentamos a Deus o nosso agradecimento pela sua elevação aos altares e pedimos por sua intercessão que a Obra que começou, o Opus Dei – Obra de Deus –, com o espírito que ratificou o Santo Padre – o chamamento universal à santidade, através do trabalho profissional – possa desenvolver-se e ser recebido com alegria por todos os fiéis, como obra confirmada pela Sede Apostólica e abençoada por Deus.

ta e repetida inúmeras vezes pelo Beato Josemaría. Estais aqui presentes muitas pessoas que, em mais de uma ocasião, ouvistes dos seus próprios lábios esta exortação paulina; outros, a haveis recebido por meio dos seus escritos ou por testemunhos directos. Ora, cada um, imerso nas actividades concretas da sua vida e profissão, pode contar com a ajuda do Espírito Santo para percorrer esse caminho, dirigido à perfeição cristã. Isto mesmo nos recorda o próprio Beato numa das suas *entrevistas*: «Os cristãos, trabalhando no meio do mundo, hão-de reconciliar todas as coisas com Deus, colocando Cristo no cume de todas as actividades humanas» (*Temas actuais do cristianismo*, n. 59).

Testemunho de vida pessoal, familiar e social

3. A este respeito, o Concílio Vaticano II exorta os cristãos a cumprir, de acordo com a sua vocação pessoal, «os seus deveres temporais, guiados sempre pelo espírito evangélico» (*Gaudium et spes*, 43). Quando se falta a essa obrigação, deixa-se de cumprir a vontade de Deus, que espera de cada um uma pessoal cooperação na obra da criação; mas, por outro lado, ofende-se o próximo, ao qual estamos unidos por um imperativo indefectível de solidariedade. Por esse motivo, o Concílio indica que «o divórcio entre a fé e a vida diária de muitos, deve ser considerado um dos mais graves erros da nossa época» (*Ibidem*).

Os cristãos estão chamados, particularmente nos nossos dias, a colaborar numa nova evangelização que impregne os lares, os ambientes profissionais, os centros de cultura e de trabalho, os meios de comunicação, e a vida pública e privada, daqueles valores evangélicos que são fonte de paz, de fraternidade, de entendimento e concórdia entre todos os homens. Semelhante compromisso apostólico é levado a cabo, não só com a pregação da mensagem cristã, mas ainda com o testemunho da vida, a nível pessoal, familiar e social. Ao mesmo tempo, é necessário que toda a acção evangelizadora esteja coordenada e integrada nos planos pastorais das próprias comunidades diocesanas, que por sua vez se vêem enriquecidas com a variedade de carismas, com que os Santos e Beatos tornaram fecunda a missão evangelizadora da Igreja universal, através da sua história milenária.

Novo impulso à fidelidade

4. Dirijo agora, aos peregrinos de língua francesa, uma saudação muito cordial.

**Cardeal Joseph Ratzinger**

Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé
(Basílica dos Santos Doze Apóstolos, 19-V-92)

Tendemos a deixar a santidade para uns poucos, desconhecidos, e a contentarmo-nos em ser como somos. Josemaría Escrivá veio despertar-nos dessa apatia espiritual. Não! A santidade não é o extraordinário, mas o que é ordinário, aquilo que é normal para todos os baptizados (...). A santidade apresenta mil formas, pode ser levada a cabo em todos os lugares e em todas as profissões; é a atitude normal: consiste em viver a vida corrente na presença de Deus, impregnando-a com o espírito da fé. Realizando essa missão, chegou a ser um grande homem de acção, que vivia a vontade de Deus e que chamava os homens a amar a vontade de Deus.

A vossa participação na beatificação do Fundador do Opus Dei será para vós – assim o desejo – ocasião de um novo recomeço, a fim de responderdes plenamente à vossa vocação de baptizados: vivei a vontade de Deus em cada dia, em todas as vossas tarefas de homens e de mulheres deste tempo; progredi no caminho da santidade, isto é, deixai-vos dominar pela presença de Cristo Salvador, Ele que chama os seus discípulos a permanecer no seu amor (cfr. Jo 15, 9); tomai parte activa na vida e na missão da Igreja, em comunhão com os Pastores das dioceses e com todos os vossos irmãos e irmãs, a fim de dar testemunho da Boa Nova da Salvação num mundo que tem necessidade de luz e de razões de esperança, para construir uma sociedade mais solidária e mais digna do homem.

Que o exemplo e os ensinamentos do Bem-aventurado Josemaría Escrivá vos iluminem! Que a sua intercessão vos sustente!

De todo o coração, em nome do Senhor vos abençoo.

Fermento na sociedade

5. Àqueles que são de países de língua inglesa, apresento as minhas cordiais saudações. Esta visita a Roma, que o Fundador do Opus Dei escolheu para passar uma grande parte da sua vida, revigore cada vez mais a vossa fé e o vosso empenho na vida e missão da Igreja. Roma é o lugar do testemunho dos Príncipes dos Apóstolos, Pedro e Paulo. É o lugar do qual o Sucessor de São Pedro chama a Igreja inteira a responder à urgente necessidade de uma nova evangelização, ao aproximar-se o terceiro Milénio cristão. Em muitos documentos e em várias ocasiões, exortei os leigos a tomarem parte decisiva na difusão

da palavra de Deus, a milhões e milhões de homens e de mulheres que ainda não conhecem Cristo, Redentor da humanidade (cfr. *Christifideles laici*, 35; *Redemptoris missio*, 71).

Sustentados pelo santo zelo que vos foi ensinado pelo novo Beato Fundador, empenhai-vos totalmente na causa da evangelização, mediante o vosso testemunho sincero da fé e da doutrina da Igreja.

Como fermento na sociedade, ofereci os vossos talentos para influir na vida pública e privada, a todos os níveis, proclamando, com palavras e obras, a verdade acerca do destino transcendente do homem. Ao seguides o ensinamento do vosso Fundador, respondi com generosidade à chamada universal à santidade da vida cristã e à perfeição da caridade, assentando assim as bases para um modo de vida mais humano e uma sociedade terrena mais justa e equitativa (cfr. *Lumen gentium*, 40). Deus vos fortaleça abundantemente para esta tarefa.

Sua Eminência, o Cardeal Edouard Gagnon

Presidente do Comité Pontifício
para os Congressos Eucarísticos
(Basílica de Santa Maria «sopra Minerva», 19-V-1992)

Mons. Escrivá não se conformou com alcançar pessoalmente a identificação com Cristo: entendeu que devia arrastar para Deus os outros (...). A presença aqui de tantos fiéis (...) é algo de inacreditável, algo que se deve à fé do Fundador do Opus Dei (...). O segredo da eficácia de Mons. Escrivá radica neste ponto: soube crer em Jesus com uma profundidade realmente extraordinária (...). Essa fé, convertida em vida graças ao seu trato pessoal com Jesus – Jesus falava-lhe: nalgumas circunstâncias falou-lhe de uma forma visível e concreta, mas falava-lhe incessantemente através do Espírito Santo –, fazia-lhe ver as coisas como as vê Jesus e como as vê o Pai.

DIAS DE ACÇÃO DE GRAÇAS

23 Missas solenes de acção de graças, presididas por altas personalidades da vida da Igreja.

NAS solenidades que tiveram lugar por motivo da Beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer, muitos factores vieram contribuir para pôr de manifesto a projecção eclesial desse acontecimento. Especialmente significativa foi a participação de grande número de representantes da hierarquia eclesiástica. Além dos 46 Cardeais e perto de 300 Bispos a assistirem, no dia 17 de Maio, à beatificação, um número ainda mais elevado de membros do episcopado mundial escreveu, nos meses que a antecederam, a D. Alvaro del Portillo para expressar o seu agradecimento a Deus pela notícia da decisão do Santo Padre de elevar o Fundador do Opus Dei à honra dos altares.

Nos dias 19 e 20 de Maio, em várias basílicas e igrejas romanas, realizaram-se 21 Missas solenes de acção de graças, presididas, todas elas, por altas personalidades da hierarquia da Igreja e destinadas a diferentes grupos linguísticos.

Peregrinos de língua castelhana encheram as Basílicas de S. Paulo «extra-muros» e Santa Maria «in Vallicella», para participarem em quatro celebrações presididas pelo Cardeal Angelo Sodano, Secretário de Estado; pelo Cardeal Sebastiano Baggio, Camarlengo da Igreja Romana; pelo Cardeal Eduardo Martínez Somalo, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica; e pelo Cardeal N. López Rodríguez, Arcebispo de São Domingos e Presidente do CELAM.

Para os grupos de Itália celebraram o Cardeal Angelo Felici, Prefeito da Congre-

gação para as Causas dos Santos, na Basílica dos Santos Doze Apóstolos, o Cardeal Camillo Ruini, Vigário de Sua Santidade para a Diocese de Roma e Presidente da Conferência Episcopal Italiana, na Basílica de S. João de Latrão. O Cardeal Ugo Poletti, Arcipreste de Santa Maria Maior, teve de ser substituído à última hora, por razões de saúde, pelo Revmo. Juan Larrea, Arcebispo de Guayaquil que procedeu à leitura da homilia preparada para essa oportunidade pelo referido Cardeal.

Na Basílica dos Doze Apóstolos presidiu à concelebração, destinada a fiéis de língua alemã, o Cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

Os grupos anglófonos reuniram-se na Basílica de Santa Maria Maior, para participarem na Missa celebrada pelo Cardeal Edward Idris Cassidy, Presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos; enquanto na Basílica de Santa Maria «in Vallicella», celebrou o Cardeal José T. Sánchez, Prefeito da Sagrada Congregação para o Clero; e na Basílica de Santo Andrea «della valle», o Cardeal Augustin Mayer. Grupos de língua francesa assistiram, por sua vez, à Missa do Cardeal Edouard Gagnon, Presidente do Comité Pontifício para os Congressos Eucarísticos Internacionais, na Basílica de Santa Maria «sopra Minerva»; e à Missa do Cardeal Paul Poupard, Presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo com os não crentes, na Basílica de Santo Apolinário.

O Cardeal Pietro Palazzini celebrou em latim, para grupos de vários países, na Basílica de Santo Andrea «della valle»; e nesse mesmo templo celebrou, em português, o Cardeal Angelo Rossi, Decano do Colégio Cardinalício.

Na Basílica de São Clemente oficiou, em holandês, o Cardeal Johannes Willebrands, Presidente Emérito do Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos; e na Cripta da Basílica Vaticana, junto do túmulo de S. Pedro, celebrou o Cardeal Andrzej Maria Deskur, para os fiéis vindos da Polónia. Entretanto, os peregrinos japoneses puderam assistir à Missa de Mons. Peter Takaaki Hirayama, Bispo de Oita, na Igreja de S. Jerónimo da Caridade; os coreanos, à de D. Angelo Kim, Bispo



de Suwón e Presidente da Conferência Episcopal Coreana, na Igreja de S. João Baptista «al Collatino»; os filandeses à do Revmo. D. Rudolf Larenz, em Santa Maria «sopra Minerva»; na Igreja de Santa Brígida reuniram-se os peregrinos provenientes da Suécia na celebração do Rev. Johannes L. Bernaldo, Vigário Regional do Opus Dei.

Ainda que as limitações de espaço nos obriguem a reunir apenas passagens de algumas destas homilias pronunciadas nas Missas de acção de graças, a ampla participação de eminentes eclesiásticos nestas cerimónias manifesta a projecção universal alcançada pela figura e pela mensagem do Beato Josemaría Escrivá de Balaguer, bem como as esperanças que põe a Igreja na sua intercessão e no seu exemplo de santidade, para iluminar o mundo com a luz do Evangelho, no limiar do Terceiro Milénio.

Em Roma as cerimónias litúrgicas relacionadas com a Beatificação de Josemaría Escrivá de Balaguer tiveram o seu fecho no dia 21 de Maio. Autorizada pela Congregação para as Causas dos Santos, tinha-se realizado no dia 14, privadamente, a trasladação do féretro com os seus restos mortais da Cripta da Igreja Prelática da Prelatura do Opus Dei — onde se encontrava desde o momento em que foi sepultado — para a Basílica de Santo Eugénio, dado que o número de peregrinos exigia poder dispor-se de um local suficientemente amplo para permitir, a todos

aqueles que o desejavam, venerar as relíquias do corpo do Fundador do Opus Dei.

A partir do dia 14, a Basílica de Santo Eugénio esteve, a todas as horas, repleta de fiéis, que aí acorreram para rezar perante a urna recoberta com uma cobertura vermelha.

O Prelado do Opus Dei, com um grupo de Bispos e de sacerdotes, no decorrer da solene concelebração de acção de graças, realizada na Basílica de Santo Eugénio, no dia 21 de Maio de 1992.

Cardeal Nicolás J. López Rodríguez

Arcebispo de S. Domingos
Presidente do CELAM

(Basílica de S. Paulo «extra-muros», 19-V-1992)

Ao proclamar o exemplo da sua vida, do seu ardor apostólico e — diria eu — da santa ousadia com que soube responder ao mandato divino de ensinar a todas as gentes a doutrina salvadora de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Igreja move-nos a lançarmo-nos com generosidade «mar adentro» (Lc 5,4), para levar o Evangelho a todas as almas. E oferece-nos, nos ensinamentos do Beato Josemaría, um meio providencialmente actual para as circunstâncias da nossa própria vida.

Sua Eminência, o Cardeal Angelo Felici

Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos
(Basílica dos Santos Doze Apóstolos, 20-V-92)

Toda a vida de Josemaría Escrivá esteve orientada pelo afã de exaltar na terra Jesus Cristo e glorificar, com Ele, a Deus Pai na unidade do Espírito Santo (...). A sua pregação era um convite ardente, dirigido a todos os cristãos, para que abrissem de par em par as portas da sua alma ao Senhor, para que soubessem compreender e aceitar o sentido vocacional da sua existência cristã, para que colaborassem na missão evangelizadora universal da Igreja (...). Graças ao seu exemplo e ao seu impulso, inúmeras pessoas entregaram a sua vida a Cristo e seguiram a sua vocação na Igreja.

Cardeal José T. Sánchez
Prefeito da Congregação para o Clero
(Basílica de Santa Maria «in Vallicella», 19-V-1992)

O Beato Josemaría Escrivá é uma dádiva de Deus para o mundo de hoje: a história da Igreja revela-nos uma inesgotável e oportuna intervenção do Espírito Santo em determinadas alturas, ao enviar líderes carismáticos para enfrentar situações e necessidades especiais (...). O mundo tem uma necessidade desesperada de quanto o Beato Josemaría Escrivá ensinou e testemunhou com a sua vida; daquilo por que morreu: necessita o mundo que o homem tome a sério a sua vocação para santificar o trabalho, qualquer que seja, e onde quer que se realize.

